

Pluriatividade como estratégia de renda: o caso de um agricultor familiar na comunidade ribeirinha São João Batista, Pará¹

Pluriactivity as strategy of income: the case of a family farmer in riverside community São João Batista, Pará.

Amanda Rayana dos Santos²
Alciene Oliveira Felizardo³
Wagner Luiz Nascimento do Nascimento⁴
Adebaro Alves dos Reis⁵

Artigo submetido em jan./2015 e aceito para publicação em ago./2015.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar o papel da pluriatividade numa unidade produtiva familiar inserida num ecossistema de várzea, no município de Abaetetuba/PA, como forma de compreender a estratégia de melhoria da qualidade de vida estabelecida pelos agricultores familiares da região. Para tanto, utilizou-se de uma entrevista previamente elaborada a partir de um questionário semiestruturado numa abordagem qualitativa. Conclui-se que a pluriatividade desenvolvida pela família em questão proporcionou um maior autoconsumo, diminuindo a dependência de produtos externos e implicando em uma maior percepção da renda.

Palavras-chave: Ribeirinho, agricultura familiar, pluriatividade, diversificação produtiva.

ABSTRACT

The objective of this work is to analyze the role of pluriactivity in a productive unit family inserted in an ecosystem of varzea, in the municipality of Abaetetuba/PA, as a way to understand the strategy of improving the quality of life established by family farmers of the region. We used an interview previously produced from a semistructured questionnaire using a qualitative approach. It is concluded that the pluriactivity developed by the family in question provided a greater consumption, reducing the dependence on foreign products and implying a greater perception of income.

Key words: Riverside, family farm, pluriactivity, productive diversification.

¹ Este artigo foi apresentado no 53º Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural- SOBER, Goiânia- GO, de 27 a 30 de julho de 2014.

² Graduação em Engenharia Agrônoma pelo Instituto Federal de Educação do Pará – Campus Castanhal, Pará, bolsista da Incubadora Tecnológica de Desenvolvimento e Inovação de Cooperativas e Empreendimentos Solidários – INCUBITEC. Email: santos.agro@gmail.com.

³ Graduação em Engenharia Agrônoma pelo Instituto Federal de Educação do Pará – Campus Castanhal, Pará, bolsista da Incubadora Tecnológica de Desenvolvimento e Inovação de Cooperativas e Empreendimentos Solidários – INCUBITEC. Email: alcifelizardo@yahoo.com.br.

⁴ Graduação em Engenharia Agrônoma pelo Instituto Federal de Educação do Pará – Campus Castanhal, Pará, bolsista da Incubadora Tecnológica de Desenvolvimento e Inovação de Cooperativas e Empreendimentos Solidários – INCUBITEC. Email: wagnerlennascimento@gmail.com.

⁵ Msc. em Planejamento do Desenvolvimento e Doutorando em Desenvolvimento Sustentável do Tópico Úmido pela Universidade Federal do Pará/Núcleo de Altos Estudos Amazônicos – NAEA, professor e Coordenador de Pesquisa e Inovação Tecnológica do Instituto Federal de Educação do Pará – Campus Castanhal, Pará. Email: adebaroreis@yahoo.com.br.

INTRODUÇÃO

A agricultura brasileira a partir da década de 1970, baseada na concentração, especialização e internacionalização das cadeias produtivas, entra num novo ciclo dito “moderno” capitalizado, tecnificado e empresarial. Para Machado; Caume (2008), esse modelo proporcionou a modernização de diversos setores da agricultura brasileira, transformando o país num dos maiores produtores e exportadores de produtos agrícolas, apresentando, atualmente, um dos maiores índices de produtividade e eficiência econômica no mercado mundial desses produtos. No entanto, esse ciclo apresentou a exclusão de parcelas significativas dos atores presentes no meio rural, principalmente os agricultores familiares de pequeno porte (GNOATTO *et al.* 2004).

Nesta perspectiva, Melo *et al.* (2009), percebe-se que a exclusão dos pequenos agricultores, se dá através de exigências de cunho produtivista desse modelo que se baseia na aquisição de insumos externos, redução da biodiversidade através da expansão da fronteira agrícola e ocupação de novas áreas, acaba por configurar sérios problemas ambientais. Em virtude disso, houve mudanças nas suas bases de organização do trabalho, bem como dos sistemas de produção, e nesse cenário a agricultura sustentável é uma alternativa que visa minimizar esses problemas, pois esse sistema de cultivo não requer grandes recursos financeiros, pois se utiliza de técnicas de cultivo ecologicamente corretas, o que favorece os pequenos agricultores de baixa renda.

Finatto; Salamoni (2008) reforçam que o segmento da agricultura familiar se reproduz de maneira tão diversificada, que faz-se necessário uma análise específica em cada espaço, situação e tempo, em virtude da diversidade de estratégias que o agricultor encontra para permanecer no campo. Essa realidade exige uma reflexão cada vez menos linear, que restringe a vida das pessoas, reduzindo sua autonomia e, no final, subestimando formas nativas ou locais de cooperação e solidariedade, resultando em uma crescente diferenciação socioeconômica e um maior controle centralizado de grupos, instituições e empresas econômicas e políticas poderosa (SCHNEIDER; GAZOLLA, 2011).

Na Amazônia, os ribeirinhos⁶ são detentores de saberes associados à realidade local que se refere ao manejo e uso sustentável de recursos naturais, o

⁶ Populações tradicionais que vivem nas florestas de várzeas do Baixo – Tocantins (MSD,2013).

que mantem a integridade das florestas de várzea como principal fonte de recursos para o seu desenvolvimento socioeconômico. Assim, com o conhecimento autóctone desenvolvido através das transformações intergeracionais socialmente reguladas, essas populações têm garantido sua segurança alimentar (SANTOS *et al.* 2012).

Na ilha Campompema, Município de Abaetetuba-PA, assim como grande parte do estuário amazônico, encontram-se nos estabelecimentos familiares pomares agroflorestais com diversas frutíferas, dentre estas, o açaizeiro se destaca como um importante componente desse ecossistema, por representar fonte de alimento e de renda para as populações ribeirinhas exercendo, assim, forte influência na atual dinâmica territorial econômico-social e cultural de significativas parcelas das populações que habitam esses ecossistemas. No entanto, em função da predominância do extrativismo do açaí como atividade econômica, ocorre o problema de pobreza sazonal, um conceito introduzido por Felizardo *et al.* (2013), que serve para caracterizar a escassez de recursos financeiros no período mais chuvoso do ano. Frente a essas situações, os agricultores vêm desenvolvendo algumas estratégias para superar essa escassez na época da entressafra do açaí.

Neste sentido, este trabalho consiste em analisar o papel da pluriatividade na unidade produtiva familiar, no município de Abaetetuba/PA, em ecossistema de várzea, como estratégia de reprodução social, econômica e melhoria da qualidade de vida dos agricultores familiares da região.

ECOSSISTEMA DE VÁRZEA

Os principais ecossistemas existentes na várzea são: floresta higrófila de várzea (restinga arbórea, dique marginal), floresta de igapó, campo higrófilo várzea (campos baixos), aningal, vegetação hileiana, lagos e lagoas (FALESI; SILVA, 1999). Esses ecossistemas de acordo com Raffles; Winklerprins (2003), têm sido ocupadas nos últimos 300 anos, por populações caboclas originárias predominantemente da mestiçagem entre índios destribalizados, europeus, e em menor escala, descendentes de escravos africanos. Os sistemas de exploração de recursos naturais implantados por estas populações têm sido caracterizados pelo manejo e manipulação complexos da paisagem, a combinação de várias atividades de subsistência como pesca, caça, agricultura e coleta, o uso concomitante de microambientes e zonas ecológicas e uma integração histórica efetiva com os

mercados regionais e transnacionais através da coleta e cultivo de recursos florestais nativos e exóticos (BRONDÍZIO; SIQUEIRA, 1997; MURRIETA *et al.* 1999; WINKLERPRINS, 2002).

As populações tradicionais que vivem em ecossistemas de várzea encenam três atos distintos, mais articulados e inclusive sincronizados, diante de seu cenário produtivo: duas interpretações e uma atuação. Desde a perspectiva de seu repertório ou sistema de crenças, os atores constroem uma imagem ou representação do cenário produtivo (simbólico e material): a “sobrenatureza” (*kosmos*). Por outro lado, os atores constroem, em paralelo, uma interpretação desse mesmo cenário mediante uma leitura baseada na observação de objetos, feitos, padrões e processos, quer dizer, através do repertório de conhecimentos acumulados (*corpus*). Finalmente, os atores decidem e constroem uma atuação baseada na dupla representação/interpretação, isto é, coloca em operação um conjunto de ações em relação a seu cenário mediante a tomada de decisões baseadas em um repertório de práticas produtivas (*praxis*) (TOLEDO; BARRERA BASSOLS, 2009).

As casas dos moradores são situadas às margens dos rios ou igarapés, são suspensas e protegidas dos movimentos das marés, em geral são feitas de madeira e cobertas por telhas de barro ou folhas de palmeiras, regionalmente denominadas “palhas”. Algumas moradias apresentam um pequeno trapiche coberto de palha, que serve para embarque e desembarque de mercadorias e pessoas, caracterizando o típico cenário das residências do estuário conforme os estudos de (SANTOS; FERREIRA, 2012).

Em Abaetetuba, o tipo climático predominante da região de várzea é o Ami da classificação de Köppen, com regime pluviométrico anual elevado (3000 mm). Este tipo climático é uma transição entre os tipos Afi e Awi (PROJETO GESPAN, 2004). A região caracteriza-se pela existência de solos hidromórficos, desenvolvidos em relevo plano, inundáveis pelas águas dos rios de forma periódica, deixando depositado material sedimentar. Esse material constitui-se principalmente de partículas finas de silte e argila e outros minerais como a muscovita, além de elementos orgânicos. São solos de formação recente, quaternária do período Holoceno⁷ (FALESI; SILVA, 1999).

⁷ Período atual de desenvolvimento do solo.

A fertilidade dos solos de várzeas reside basicamente na reposição anual de sedimentos trazidos e depositados pelas águas das enchentes. Devido a esse processo de refertilização das terras de várzea, o potencial de macronutrientes e também de micronutrientes é formidável, inesgotável imerso nesse meio biofísico, destaca-se o homem ribeirinho, atuando quase sempre em perfeita harmonia com o ecossistema, dele retirando o alimento diário, comercializando os produtos extrativos, vinculado com os colhidos de sua lavra (FALESÍ; SILVA, 1999).

Estudiosos como Brondízio; Siqueira (1997) vem mostrando que o perfil da agricultura amazônica é complexo, não só com nuances ecológicas e regionais, mas também socioculturais. Neste novo modelo agrícola, o paradigma da monocultura européia moderna dá lugar a formas mistas de sistemas de cultivo de caráter claramente agroflorestal. No entanto, a várzea e a terra firme apresentam oportunidades e limitações distintas, sendo que a primeira foi capaz de sustentar os maiores assentamentos humanos, graças à relativa fertilidade do solo e facilidade de acesso aos abundantes recursos da fauna aquática. Todavia, apesar de ser relativamente mais fértil, a várzea é um ambiente de alto risco, que apresenta desvantagens para a ocupação, como: a impossibilidade de se cultivar ao longo de todo o ano, devido às inundações periódicas; a existência de inundações extremas ocasionais, que recobrem mesmo os terrenos mais altos; e, na região estuarina, as variações diárias da maré. Tais características têm importantes desdobramentos para o consumo alimentar local, principalmente, no que diz respeito à ingestão de energia (CARNEIRO (1995); DENEVAN (1996); MURRIETA *et al.* (1999); MURRIETA; DUFOUR (2004).

PLURIATIVIDADE

Diante dessas dificuldades econômicas encontradas, esses indivíduos, empregam parte da sua força de trabalho em atividades rurais não agrícolas para complementar a renda familiar. Neste sentido, a pluriatividade tem se revelado como uma das alternativas mais recorrentes, por ser entendida como a combinação de atividades, por indivíduos ou núcleos familiares, em diferentes setores, conseqüentemente em diferentes mercados, seja o desenvolvimento de atividades terciárias (serviços e lazer), assalariamento urbano, transformação industrial ou artesanal da produção agrícola na propriedade rural (atividade não agrícola)

(KAGEYAMA, 1998). Portanto, a pluriatividade resulta da interação entre as decisões individuais e familiares com as variáveis exógenas, sociais, econômicas e ambientais em que estas estão inseridas, tais como: sexo, idade, hierarquia familiar, mercado de trabalho, mercado, infraestrutura da propriedade, entre outros fatores (CONTERATO, 2005).

Conforme um dos primeiros estudiosos sobre pluriatividade, Fuller (1990), compreender o conceito de pluriatividade, permitirá uma análise minuciosa, a forma com que o trabalho é alocado pelas famílias nos diferentes tipos de atividades, e onde emergirão padrões individuais e coletivos da distribuição do trabalho rural. Descrevendo que as atividades agrícolas e não-agrícolas poderão estar alocadas no interior ou no exterior da propriedade, e estas atividades irão gerar diferentes tipos de remuneração.

Entretanto, Marafon (2006) alerta que tal fenômeno não deve ser encarado como uma situação nova, mas uma característica histórica importante de agricultores familiares, que sempre, no intuito de incrementar sua renda, desenvolveram atividades não-agrícolas ou para-agrícolas (beneficiamento de alimentos e bebidas). Essas estratégias representam, portanto, características intrínsecas dos agricultores familiares.

Para Schneider (2003), a produção agrícola passa a ocupar cada vez menos tempo das famílias, conseqüentemente ocorre uma queda na renda agrícola, observando-se uma crescente importância das rendas não agrícolas entre as famílias. No entanto, o autor cita que a pluriatividade das famílias rurais não significa necessariamente o detrimento das atividades agrícolas, tendo em vista que estas passam a incorporar novas tecnologias capazes de despender uma menor atenção, de trabalho, principalmente, cedendo espaço para novas formas de organização.

Em contrapartida para Pires & Spricigo (2004) a pluriatividade nada mais é do que a diversificação das atividades rentáveis do negócio. É através dela que os membros das famílias de agricultores, que residem no meio rural, optam pelo exercício de diferentes atividades, ou ainda, optam pelo exercício de atividades não agrícolas, mantendo a moradia no campo e uma ligação, inclusive produtiva, com a agricultura e a vida no espaço rural. Desta forma, pode-se considerar que a pluriatividade e as atividades não-agrícolas são mecanismos de desenvolvimento. Ambas contribuem para que a forma familiar de organização do trabalho e da produção gere novos mecanismos de sobrevivência, de garantia de sua reprodução

material, e até mesmo, “a ampliação de sua importância na estrutura social” (BAUMEL & BASSO, 2004, p. 140).

METODOLOGIA

O referido estudo foi realizado numa unidade familiar, na Ilha Campompema no município de Abaetetuba, Estado do Pará, localizado no território do Baixo Tocantins, a 62 km da cidade de Belém (Figura 1). O Território do Baixo Tocantins é composto por áreas de várzea (75 ilhas) e terras firmes, caracterizadas por uma extensa relação da população com o meio natural. Sua população reside em área de várzea, sob o modo de vida ribeirinho, dependente da acessibilidade fluvial, da pesca, do extrativismo e da agricultura familiar (CARDOSO *et al.*, 2007; ROCHA, 2011).

O levantamento das informações foi realizado por meio da vivência com a família, no período de dez dias, no ano de 2013, em vista de compreender a realidade das famílias agricultoras em relação ao seu modo de vida e de produção, sua lógica organizativa, econômica e política, suas limitações e potenciais, sem que haja intervenção, seja a partir de técnicas produtivas ou de valores culturais, políticos e sociais que não sejam daquela realidade e que se queira introduzir nela (CASAGRANDE, 2000). Utilizou-se como ferramenta, o questionário semiestruturado com abordagem qualitativa que continha perguntas relacionadas as características da unidade produtiva familiar e as atividades individuais e coletivas. Além disso, utilizou-se o método da observação participante, buscaram-se conceitos da etnoecologia para inferir elucidações da realidade empírica, registro e análise dos fatos ou fenômenos (variáveis) (RIBAS; FONSECA, 2008; POSEY, 1987).

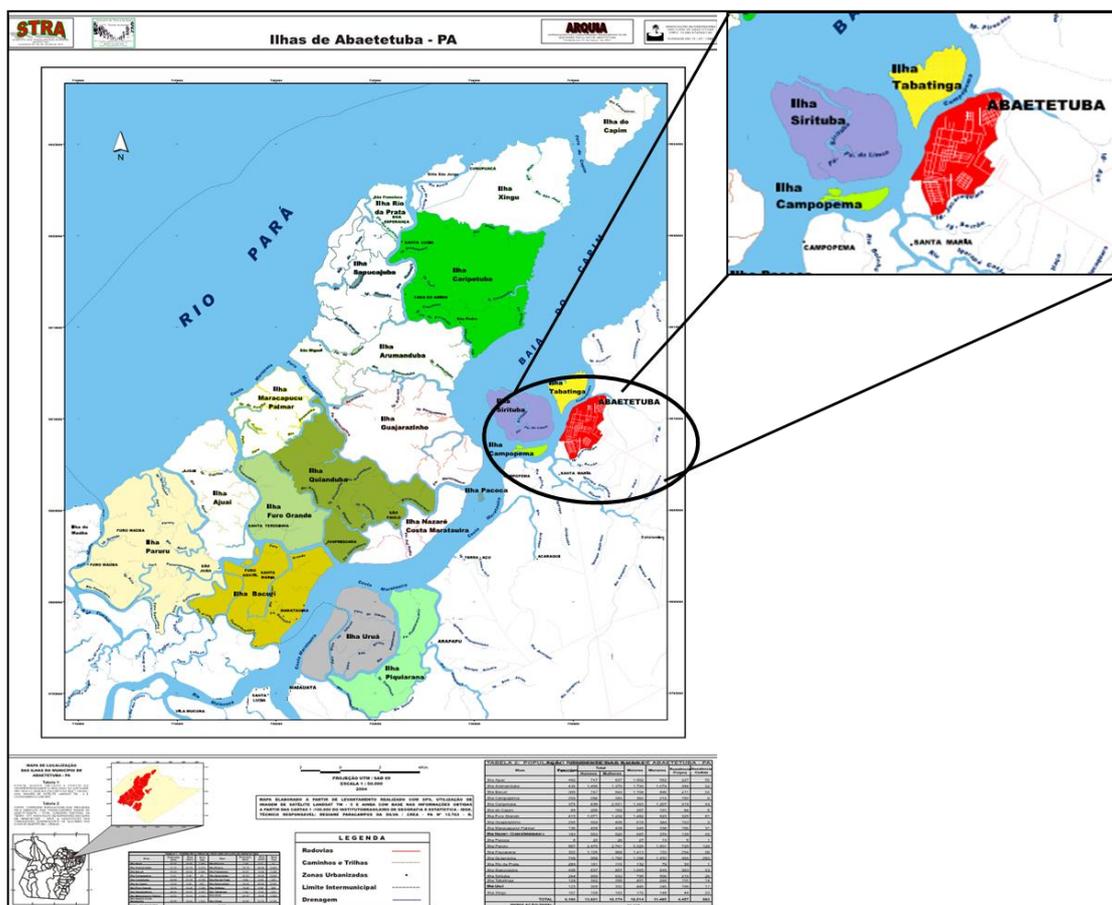


Figura 1: Localização no mapa de Abaetetuba.
 Fonte: Disponibilizado pelo Sindicato de Trabalhadores e Trabalhadores Rural de Abaetetuba
 Mapa da Região de várzea (ilhas) do Município de Abaetetuba (Modificado) 2013.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

DESCRIÇÃO DE UMA UNIDADE PRODUTIVA FAMILIAR

A unidade familiar produtiva (UFP) analisada as atividades remuneradas realizadas (agrícola ou não agrícola) são dividida entres os membros da família. Esta é constituída conforme a **Tabela 1**.

Parentesco	Sexo	Idade	Escolaridade	Estado civil	Atividades no Lote	Atividades fora do Lote
Pai de Família	M	41	Ensino Fundamental incompleto	Casado	Manejo dos recursos naturais renováveis	Trabalha na Cooperativa/ Guia/ restauração de rede de pesca/ Seguro defeso
Mãe	F	30	Cursando/ Ensino médio	Casada	Tarefas domésticas / pesca do	Artesanato/ Venda de produtos

					camarão	cosméticos/ Bolsa família
Filha	F	13	Cursando/ Ensino Fundamental	Solteira	Pesca do camarão	Artesanato
Filho	M	11	Cursando/ Ensino Fundamental	Solteiro	Colheita do Açaí/Pesca do camarão	Produção de Matapi/ pesca do peixe
Filho	M	5	Cursando Pré – escolar	Solteiro	Pesca do camarão	Pesca do peixe

Tabela 1: Dados dos componentes da família

Fonte: Santos *et al.* 2013.

A família é tradicional na ilha Campompema, sua propriedade foi herdada e corresponde a 3,5 ha, cada membro possui um papel específico na família. O esposo, é sócio da Cooperativa de Fruticultores de Abaetetuba - COFRUTA⁸, foi criada com a missão de proporcionar alternativa de geração de trabalho e renda, contribuindo para a transformação da vida sócia- econômica e cultural dos cooperados e da comunidade local, de maneira solidária e sustentável. A cooperativa comercializa os frutos (*Eutherpe oleraceae*, *Theobroma cacao*, *Ananas comosus* (L.) Merr.), (*Theobroma grandiflorum*; ex – Sterculiaceae) entre outras, produzidos e coletados dos pequenos agricultores familiares do município de Abaetetuba.

A divisão de trabalho é uma característica marcante, cada membro da família desenvolve tarefas agrícolas e não agrícolas algumas em conjunto e outras não, em vista de obter alternativas de alimento no período de entressafra e garantir a sustentabilidade da família ao longo do ano. As atividades desenvolvidas são: cooperação na COFRUTA, manejo dos recursos naturais renováveis, quebra do Murumuru, produção de matapi e o crochê.

Del Grossi & Silva (2002) comentam que a pluriatividade acaba por exercer influências na estruturação do trabalho das propriedades, assim como na alocação de recursos econômicos, impondo-lhes novas dinâmicas organizativas. Esta nova dinâmica organizacional é oriunda de uma possibilidade maior de retorno econômica obtida junto às atividades não agrícolas em detrimento das atividades agrícolas, bem como por apresentar-se como uma complementação da renda familiar através de atividades não agrícolas, agregando-se o fato de uma otimização da força de trabalho familiar.

⁸ Cooperativa dos fruticultores de Abaetetuba que reúne 131 sócios na venda para o mercado local/regional de polpa de frutas (acerola, cajá, açaí e outras frutas de ocasião em menor escala), sementes secas e fermentadas de cupuaçu.

ATIVIDADES INDIVIDUAIS E COLETIVAS

O pai de família desenvolve a função de coordenador de produção na COFRUTA, é ele quem recebe, pesa e verifica a qualidade dos produtos que são destinados à cooperativa, outra função exercida por ele é o manejo dos recursos naturais renováveis existentes na sua propriedade como: Açaí (*Eutherpe oleraceae*), Buriti (*Mauritis flexuosa*), Palheteira (*Clitoria fairchildiana*), Jambo (*Syzygium malaccense* (L.) Merr & Perry), Ingá (*Inga sp.*), peixe, camarão entre outros. A área produtiva da família é a alagada e cortada por igarapés, o açaí (*Eutherpe oleraceae*) representa para família um produto de significativa importância, pois do total da produção colhida da área, 13% faz parte da dieta alimentar diária, 87% é comercializado na feira local e na cooperativa.

O preço deste produto sofre elevada oscilação ao longo do ano de acordo com a sazonalidade da produção, sendo na entressafra o período de maior valor com 55%. Essa instabilidade de fluxo financeira afeta parcialmente a família devido destinar a maior parte da produção para a cooperativa, que compra a fruta por um preço fixo, porém não impede de realizar a venda direta para o consumidor. Essa relação garante que o agricultor tenha garantia de renda (Tabela 2).

Período	Atividades no Lote	Atividades fora do Lote	Valor mensal
Safra do Açaí	Colheita do Açaí/ Venda do palmito	Trabalho na Cooperativa/ Bolsa família	R\$ 1.629,00
Entressafra do Açaí	Colheita do Açaí/ Pesca do camarão	Produção de Matapi/ Pesca do peixe/ Artesanato/ Venda de produtos cosméticos/ Guia/concerto de rede de pesca/ Bolsa família	R\$ 1.892,00

Tabela 2: Tabela 2. Renda familiar
Fonte: Santos *et al.* 2013.

Em virtude da escassez de produtos agrícola no período da entressafra, o agricultor, de forma gradativa, buscar mudar o cenário com a introdução de espécies frutíferas (Abacaxi (*Ananas comosus* (L.) Merr.), Jambo (*Syzygium malaccense* (L.)

Merr & Perry), Ingá (*Inga* sp.) e Banana (*Musa* spp.) e de essências florestais andiroba (*Carapa guianensis* Aubl.), Ucuúba (*Virola Surinamensis*) para proporcionar sobreprodutividade do sistema de produção, visto que os policultivos possuem a capacidade de produzir, no seu conjunto, mais do que as áreas de monocultivo de tamanho equivalente. Gliessmam (2005), afirma esse fato quando relata em seu trabalho que a diversificação do cultivo, tem garantido a manutenção alimentar da família dos ribeirinhos na entressafra, uma vez que nesse período não há produção de açaí suficiente para o sustento da família. Analisar Gráfico 1.

Atividades	Atividades de manejo e colheita do açaí ao ano											
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Demarcação da área de manejo					X	X						
Roçagem e Limpeza					X	X	X	X	X	X	X	
Desbaste seletivo	X	X	X	X								
Colheita de Frutos	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Reposição					X	X	X	X	X	X	X	
Extração do Palmito	X	X	X	X								
Monitoramento	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X

Período chuvoso
 Período seco
 Maior produção açaí

Gráfico 1. Atividades de Manejo do sistema de produção
 Fonte: Santos *et al.* 2013.

A quebra da semente do Murumuru é entregue a cooperativa e é pago de acordo com a quantidade de produto quebrado, a pesca é realizadas somente para o consumo, ambas são atividades concretizadas em conjunto. Espécies como Mapará, Pescada e Mandií, e a desmarisca⁹ do camarão, são capturadas em uma média de 240 kg/ano. Apesar da família não haver comercialização do pescado, este se insere como uma renda não calculada, uma vez que substitui a entrada externa de alimentação. Para Wanderley (1989), na unidade familiar de produção, existe um rendimento indivisível, do qual é impossível separar o que foi gerado pelo trabalho, pelo investimento do capital ou como renda da terra. Para determinarem suas

⁹ Retirada do camarão do Matapi.

estratégias produtivas, realizam no fluxo contínuo da vida social, cálculos subjetivos de risco, denominados por Chayanov (1974) de “avaliações subjetivas”.

A família observa que há uma acentuada pressão demográfica sobre esses recursos. Segundo o agricultor: “Aumentou o consumo do camarão e não dá tempo de crescer o suficiente” e “a quantidade de mapará tem reduzido nos últimos 10 anos tendo em vista a prática do borqueio”. Além disso, ele acha que têm desaparecido peixes como Ariri, Aracu, Caratipioca e Tainha por causa da Hidroelétrica de Tucuruí esses peixes desovavam “para cima”. Frente a esses problemas a comunidade tem desenvolvido estratégias de gestão e apropriação dos recursos. É o caso do PU (Plano de Utilização), que é um documento criado coletivamente pelos moradores para regimentar o uso dos recursos, entre eles, a fauna ictiológica. Nessa perspectiva observa-se uma centralidade da noção de agência social. De acordo com Ploeg (1994, p. 7), “a ação social, depende da capacidade do indivíduo de ‘causar uma mudança’ em relação a um estado de coisas ou o curso de eventos pré-existente”.

Após consecutivas pescaria o ribeirinho adquiriu a habilidade de consertar manualmente a rede de pesca, adquirindo um conhecimento tácito¹⁰. Como consequência disso, o agricultor realiza o reparo de rede de pesca dos moradores da comunidade, agregando o valor na renda familiar. Neste processo de reorganização dos espaços rurais através da pluriatividade, Gnoatto *et al.* (2004), revela que o estado de saber e fazer dos agricultores familiares passam, em muitos casos, a serem fundamentais na concretização de novas atividades.

Em função de seu conhecimento sobre as organizações locais e a geografia das ilhas do município e por estar atrelado a COFRUTA o pai, recebe e conduz estudantes e pesquisadores de instituições externas (universidades e institutos) para realização de pesquisa, canais de televisão, entre outras. Para a família esta atividade é importante devido garantir, além de recurso financeiro a possibilidade de fortalecer a relação com outras organizações.

A mãe, além de realizar as tarefas domésticas e dos cuidados com os filhos, realiza a venda de produtos cosméticos e trabalha em conjunto com a filha com a tecelagem de crochê. Elas tecem toalhas e caminho de mesa, barra de toalha de banho, de guardanapos e conjunto de estante. O filho mais velho trabalha como a

¹⁰ Por conhecimento tácito compreende-se aquele que o indivíduo adquiriu ao longo da vida, que geralmente é difícil de ser formalizado ou explicado à outra pessoa, dado o seu caráter subjetivo e não mensurável. Ver: AMIN. A.; COHENDT, P. **Architectures of knowledge: firms, capabilities and communities**. New York: Oxford, 2004.

produção de matapi, enquanto que o menor apenas estuda. Esta estratégia de sobrevivência concerne aos estudos de Silva *et al.*, (2010). Nota-se a existência de uma organização do trabalho a partir do gênero, o que se pode chamar também de estratégias de sobrevivência, em que os homens se ocupam com o extrativismo e as mulheres dona de casa ou artesã.

Observa-se que a mudança na composição da família ao longo do tempo determina a capacidade da força de trabalho disponível e a magnitude de suas necessidades de consumo. Isso ocorre porque existe um balanço entre a unidade de produção (sistema de produção) e a unidade de consumo (família), de forma que ocorre um equilíbrio entre o esforço exigido para realização do trabalho e o grau de satisfação das necessidades da família.

No que se refere à estratégia de atendimento das necessidades básicas da família, nota-se que mesmos em circunstâncias onde ocorre excedente de trabalho a família permanece em um estado de acomodação, sem atingir o limite máximo de autoexploração de sua força de trabalho, assim como já descrito por Chayanov (1974).

Isso demonstra, assim como defendido por Pinheiro & Schmidt (2001), que os problemas rurais, em sua maioria, dificilmente serão resolvidos a partir de um ponto de vista estritamente econômico ou técnico, pois eles surgem como consequências de complexas interações entre os seres humanos e entre estes e o ambiente. Portanto, antes de ser uma característica independente ou relacionada apenas a objetos e sistemas físicos, a sustentabilidade é uma propriedade emergente de sistemas, resultante de interações entre os seres humanos e entre estes e o ambiente.

CONCLUSÃO

A família em estudo, como população tradicional de ecossistema de várzea, maneja e manipula os recursos naturais por meio de várias atividades para o autoconsumo como pesca, caça, agricultura e coleta. A qual consegue assegurar a sua reprodução social, por meio da constante evolução qualitativa e quantitativa da base de recursos, a partir da inclusão de outras culturas perenes e da melhoria do manejo, respectivamente. Essa evolução tem feito com que além da renda existente

ocorra uma renda potencial caracterizada pela possibilidade de uso de recursos ainda não explorados.

A pluriatividade tem sido uma estratégia da família, no período de entressafra do açaí e escassez dos recursos naturais, que proporciona um incremento significativo na renda familiar para atender as suas necessidades básicas. Além disso, percebe-se que apesar da família residir a uma distância de 3 km da cidade de Abaetetuba, não prospectam atividades ou profissionalização para o meio urbano, pois os indivíduos, entre outros motivos, compreendem que para manter a sua qualidade de vida, é necessário o equilíbrio entre o esforço exigido para realização do trabalho e o grau de satisfação das necessidades da família.

AGRADECIMENTO

Agrademos o apoio e fomento da PROPPG/IFPA, CAPES, CNPQ, PROEXT – MEC/SESu. Assim como o apoio e a cooperação dos empreendimentos econômicos solidários da Amazônia e família em estudo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMIN. A.; COHENDT, P. 2004. **Architectures of knowledge: firms, capabilities and communities**. New York: Oxford.
- BAUMEL, A.; BASSO, L. C. 2004. Agricultura familiar e a sustentabilidade da pequena propriedade rural. In: CAMARGO, Gisele; CAMARGO FILHO, Maurício; FÁVARO, Jorge Luiz (Org.) **Experiências em desenvolvimento sustentável e agriculturafamiliar**. Guarapuava – Paraná: Ed. Unicentro.
- BRONDÍZIO, E. S.; SIQUEIRA A. D. 1997. **“From Extractivists to Farmers: changing concepts of caboclo agroforestry in the Amazon estuary”**. *Research in Economic Anthropology*. 18: 233 - 79.
- CARDOSO, A.; *et al.* 2007. **Planos diretores no Tucupi: a experiência de elaboração de plano diretores na região do Baixo Tocantins, estado do Pará**. In. Planos diretores participativos experiências amazônicas. Belém: EDUFPA.
- CARNEIRO, R. L., The History of Ecological Interpretations of Amazonia: Does Roosevelt Have it Right? In: L. E. SPONSEL **Indigenous People and the Future of Amazonia**, Tucson, University of Arizona Press, 1995. pp. 45 - 70.
- CASAGRANDE, N. O papel do estágio de vivência para a formação universitária: discutindo a partir da experiência concreta. [2000]. Faculdade de educação da Universidade Federal da Bahia. Disponível em: <<http://www.faced.ufba.br/rascunho>>. Acesso em 10/ 11/ 2014.
- CHAYANOV, A. 1974. **La organización de la unidad económica campesina**. Buenos Aires: Ediciones Nueva Vision.

CONTERATO, M. A. 2005. **Características da pluriatividade nos espaços rurais do Rio Grande do Sul. Porto Alegre**, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – GEPAD. I **Colóquio Agricultura Familiar e Desenvolvimento Rural**, 24 e 25/11/2005. Disponível em: <http://www.cifers.t5.com.br/M.A.%20Conterato_pluriativ_nos_espacos_rurais.pdf>. Acesso em: 30/ 03/ 2014.

DEL GROSSI, E.; SILVA J.G. 2002. **Novo rural: uma abordagem ilustrada**. Instituto Agrônômico do Paraná, Londrina-PR.

DENEVAN, W. M. 1996. «**A Bluff Model of Riverine Settlement in Prehistoric Amazonia**». *Annals of the Association of American Geographers*. 86(4): 654 - 681.

FALESI, I. C; SILVA, B. N. R. da; **Ecosystemas de Várzeas da Região do Baixo Amazonas**. Belém: Embrapa Amazônia Oriental, 1999.

FELIZARDO, A. O.; SANTOS, A. R. da S.; NASCIMENTO, W. L. N. do; REIS, A. A. dos. 2013. **Diversificação dos açais nativos como estratégias de agroecossistemas sustentáveis em área de várzea no município de Abaetetuba - Baixo Tocantins no Pará**. VIII Congresso Brasileiro de Agroecologia – Porto Alegre/RS – 25 a 28/11/2013. Disponível em: <www.aba-agroecologia.org.br/revistas/index.php/cad/article/.../15215>. Acesso em 06 de Abril de 2014.

FINATTO, R. A. e SALAMONI, G. 2008. **Agricultura Familiar e Agroecologia: Perfil da Produção de base Agroecológica do município de Pelotas/RS. Sociedade e Natureza**. Uberlândia. Ed. 20. P. 199-217.

GLIESSMAN, S. R. 2005. **Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável**. Porto Alegre: UFRGS.

GNOATTO, A. A.; LOSS, E. B.; BALESTRINI, A.; POSSAMAI, E. J.; PERONDI, M. A. 2004. **Pluriatividade, agroindústria e agricultura familiar**. XLII Congresso da Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural. Anais... Cuiabá – MT. Disponível em: <www.sober.org.br/palestra/12/09P445.pdf>. Acesso em: 01 de Abril de 2014.

KAGEYAMA, A. 1998. **Pluriatividade e ruralidade: aspectos metodológicos**. *Economia Aplicada*. v. 2 n. 3, p. 515-551.

MACHADO, A. G.; CAUME, D.J. 2008. **Multifuncionalidade e pluriatividade como alternativas de desenvolvimento da agricultura familiar no Brasil**. Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural Rio Branco – Acre, 20 a 23 de julho de 2008. Disponível em: <<http://ageconsearch.umn.edu/bitstream/108090/2/17.pdf>>. Acesso em: 30 de Março de 2014.

MARAFON, G. J. 2006. Agricultura familiar, pluriatividade e turismo rural: reflexões a partir do território fluminense. Campo-Território: **Revista de Geografia Agrária**, v.1, n. 1.

MELO, S. N.de; LINDNER, M; Ferreira, E. R. 2009. **Desenvolvimento rural e pluriatividade: o turismo rural em Itapé, Rio Claro – SP**. V Encontro de grupos de pesquisas “agricultura desenvolvimento regional e transformações socioespaciais”. Disponível em: <www.ufsm.br/gpet/engrup/vengrup/anais/3/Silas%20Melo_NEA.pdf>. Acesso em: 30 de Março de 2014.

MURRIETA, R. S. S. & DUFOUR, D. 2004. “**Fish and Farinha: protein and energy consumption in Amazonian rural communities on Ituqui Island, Brazil**”. *Ecology of Food and Nutrition*. 43: 1 - 25.

MURRIETA, R. S. S. *et al.* 1999. “**Food Consumption and Subsistence in Three Caboclo Populations on Marajó Island, Amazonia, Brazil**”. *Human Ecology*. 27 (3): 455 - 475.

PINHEIRO, S. L. G.; SCHMIDT, W. 2001. **“O enfoque sistêmico e a sustentabilidade da agricultura familiar: Uma oportunidade de mudar o foco de objetos/sistemas físicos de produção para os sujeitos/complexos sistemas vivos e as relações entre o ser humano e o ambiente”**. IV Encontro da Sociedade Brasileira de Sistemas de Produção.

PIRES, J. A. S.; SPRICIGO, G. 2004. **O conceito da pluriatividade na agricultura familiar**. Disponível em: <www.sober.org.br/palestra/13/794.pdf>. Acesso em 31 de Março de 2014.

PLOEG, J. D. van der. 1994. **Styles of farming: an introductory note on concepts and methodology**. In: PLOEG, J. D. van der; LONG, A. Born from within. Assen: Gorcum, p. 7-30.

RAFFLES, H.; WIKLERPRINS, M.G.A. 2003. **“Further Ref lections on Amazonian Environmental History: Transformations of Rivers and Streams”**. *Latin American Research Review*. 38 (3): 165-187.

POSEY, D. Etnobiologia: teoria e prática. In: RIBEIRO, B. Suma Etnológica Brasileira. **Etnobiologia**. 2 ed. Petrópolis: Vozes/FINEP, 1987. p. 15-25.

RIBAS, C. C. C. e FONSECA, R. C. V. da. 2008. **Manual de Metodologia OPET**. ed. 1. Curitiba, PR.. 70p.

REIS, D. C. dos; SILVA, S. D. B. da. 2010. **Rotinas Familiares de Ribeirinhos Amazônicos: Uma Possibilidade de Investigação**. Psicologia: Teoria e Pesquisa.Vol. 26 n. 2, pp. 341-350.

ROCHA, A. 2011. **Localidades do município de Abaetetuba/Pa**. Disponível em: <http://ademirhelenorocha.blogspot.com.br/2010/04/localidades-do-municipio-e_06.html>. Acesso em: 06 de Setembro de 2013.

SANTOS, R. da S.; FERREIRA, M. C. 2012. **Estudo etnobotânico de *Mauritia flexuosa* L. f. (Arecaceae) em comunidades ribeirinhas do Município de Abaetetuba, Pará, Brasil**. Acta Amazônica. vol. 42(1): 1 – 10.

SCHNEIDER, S. 2003. **A Pluriatividade na Agricultura Familiar** Porto Alegre: UFRGS, 253p.

SCHNEIDER, S.;GAZOLLA, M. 2011. **Os atores do desenvolvimento rural: perspectivas teóricas e praticas sociais**. Porto Alegre. Ed UFRGS,. pp. 22 -23.

SILVA, S. S. da C.; PONTES, F. A. R.; SANTOS, T. M. dos; MALUSCHKE, J. B.; MENDES, L. S. A.; SOLYNO SOBRINHO, S. A. 2005. **A certificação do açaí na região do Baixo-Tocantins: uma experiência de valorização da produção familiar agroextrativista na Amazônia Agriculturas - Experiências em Agroecologia**, Rio de Janeiro, v.2, n.3, p.23-26.

TOLEDO, V. M. M.; BARRERA-BASSOLS, N. 1989. **A etnoecologia: uma ciência pós-normal que estuda as sabedorias tradicionais**. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, 2009.

WANDERLEY, M. N. B. **Em busca da modernidade social – Uma homenagem a Alexander V. Chayanov**. Campinas: UNICAMP.

WINCK, B.; DUARTE, W. M.; DALCHIAVON, F. C. 2007. **Estágio interdisciplinar de vivência de Tangará da Serra – MT**. Revista Brasileira de Agroecologia/. Vol.2 n°.2. Disponível em: <<http://www.aba-agroecologia.org.br/ojs2/index.php/cad/article/view/2417/2187>>. Acesso em: 17/09/2013.

WINKLERPRINS, A. M.G. 2002. **“Recent Seasonal Floodplain-Upland Migration along the Lower Amazon River”**. *The Geographical Review*. 92 (3): 415-431.

WOORTMANN, E. F. 2009. **O saber camponês: práticas ecológicas tradicionais e inovações**. In: *Diversidade do campesinato: expressões e categorias*, v.2 São Paulo: Editora UNESP.